

## MUDANÇA(S) DE HÁBITO(S): A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES RELIGIOSAS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM JOINVILLE

**Fernanda Mara Borba<sup>1</sup>; Janine Gomes da Silva<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Ao problematizar questões sobre a vida religiosa feminina em Joinville, verificou-se que, a partir das necessidades da população, e também da Igreja Católica, muitas religiosas, fora dos conventos e inseridas na comunidade, uniram-se para assumir práticas e ações sociais direcionadas aos mais necessitados. As alterações sofridas pela Igreja na década de 1960 modificaram a vida destas mulheres, que passaram a buscar profissionalização, formação e ampliação do campo de atuação, marcando uma nova fase: a inserção das religiosas nos “meios populares”. Impôs-se uma consciência de que, em uma sociedade injusta e desigual, necessitava-se essa presença nos movimentos sociais ou organismos civis em função da inclusão social e da superação das violências, articulada em pastorais nas comunidades eclesiais e paróquias ou dioceses. Assim, muitas comunidades religiosas femininas inseridas nas periferias das metrópoles e áreas rurais isoladas, passaram também a enfrentar condições precárias em nome da libertação dos pobres, recriando a experiência da inserção como compromisso de transformação da sociedade. Em Joinville, estas mulheres inseridas nos “espaços populares” desenvolveram, a partir da década supracitada, um trabalho significativo, representando uma mudança nas suas práticas e experiências. Pensando sobre as mulheres religiosas e as transformações ocorridas na suas vidas, atentando-se à perspectiva da categoria de gênero na análise histórica, pretende-se problematizar, com o aporte da metodologia da História Oral, memórias e narrativas de religiosas em diferentes espaços e períodos, vivenciadas em Joinville, positivando olhares sobre estas experiências e contribuindo com os estudos de gênero na religião.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Oral; Movimentos Sociais; Mulheres Religiosas.

### 1 INTRODUÇÃO

Na história e desenvolvimento da vivência da vida religiosa, mulheres e homens têm diferentes representações, pois a sociedade e Igreja os tratam de forma diferenciada e esperam delas e deles comportamentos distintos. Quando se fala em religiosos, refere-se a homens, com experiências e práticas diferentes das mulheres religiosas, devido ao lugar que ocupam em suas instituições. No contexto da reforma da Igreja, a vida religiosa feminina sofreu grandes mudanças, na qual a instituição católica recebeu influências culturais diversificadas – indígena, africana e européia – permitindo o desenvolvimento de uma religião pouco ortodoxa e clerical. A necessidade de um público dócil aos novos regimentos fez das mulheres alvo privilegiado da ação da Igreja, que desenvolveu projetos específicos dirigidos à população feminina católica. Assim, no século XIX em um contexto nacional, atividades ditas como necessárias à comunidade foram vinculadas às religiosas femininas, em instituições ligadas à educação, saúde e assistência social

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de História. Departamento de História da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Joinville – SC. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do PIBIC/FAP (PIBIC-UNIVILLE). fimdofim@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora e Docente da UNIVILLE. Departamento de História da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Joinville – SC. janine.gomes@univille.br

(NUNES, 1997, p. 482). Com o objetivo de incorporá-las nessas ações, criaram-se associações femininas e movimentos religiosos, com a pretensão de diminuir ou anular o poder do papel masculino na Igreja – essas iniciativas as beneficiaram no campo da educação e na criação de associações assistencialistas (NUNES, 1997, p. 491). A fim de se discutir a presença de mulheres religiosas na cidade de Joinville, procurou-se analisar, com o aporte da metodologia da História Oral, a relação entre memórias e narrativas de mulheres religiosas, suas histórias e experiências nos diferentes lugares, períodos e suas práticas cotidianas vivenciadas em Joinville<sup>3</sup>, contribuindo com a formação de acervos orais e ampliando os estudos relacionados com a perspectiva de gênero<sup>4</sup> na cidade.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Para a realização da pesquisa, foi necessário alcançar os objetivos relacionados: a) perceber como são tematizados os modos de viver o cotidiano de religiosas e suas práticas no meio em que vivem, bem como, se estas entendem tais maneiras como integrantes da memória, da identidade e da cultura da cidade; b) problematizar como diferentes mulheres religiosas narram às transformações ocorridas em Joinville no decorrer do século XX; c) traçar um paralelo com as situações enfrentadas na atualidade, percebendo as situações culturais e sociais enfrentadas outrora; e) perceber as narrativas de homens e mulheres que conviveram e convivem com religiosas, suas experiências e práticas nas diferentes instituições e, f) a partir das entrevistas realizadas, criar e organizar as fontes orais, relacionando memória, gênero e cidade, possibilitando novas fontes de pesquisa para futuros projetos relacionados, principalmente, com a perspectiva de gênero na religião, na cidade de Joinville. Ao longo da primeira pesquisa, problematizou-se a presença das religiosas em diferentes espaços urbanos da cidade durante o século XX, e, trabalhando com essa perspectiva e visando a presença dessas mulheres na cidade, foram realizadas entrevistas orais com religiosas de diferentes etnias e congregações, nascidas, preferencialmente, antes da década de 1950, abordando suas práticas cotidianas, além de entrevistas com mulheres que vivem na cidade de Joinville e que se prontificaram a contar histórias sobre estas vivências<sup>5</sup>. Pois, ao trabalhar com a memória coletiva, positivou-se os laços de convivência e as memórias de seus membros, sofrendo “vicissitudes” da evolução deles. Estas carregam marcas, trajetórias de vida, revelam singularidades e subjetividades, refazem, reconstroem e repensam com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 2001, p. 55). A partir das narrativas, problematizaram-se histórias do cotidiano, dos espaços e lugares, das práticas relacionadas à saúde, trabalho, educação, atividades culturais e religiosidade, contribuindo com outros olhares para suas representações e diferentes visões, identificações com os grupos trabalhados e suas vivências dentro do contexto da cidade.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A religião sempre se fez presente na cidade de Joinville, assim como muitas do Estado de Santa Catarina. Com o seu acelerado desenvolvimento, tornou-se necessário estabelecer serviços ligados à Igreja cuja responsabilidade eram de mulheres religiosas

---

<sup>3</sup> Sobre a cidade, ver: FACHINI; PEDRINI (2000) e GUEDES (2005). Sobre memória e metodologia da História Oral: AMADO; FERREIRA (1998), BOSI (1995); LE GOFF (1997) e, PORTELLI (1997).

<sup>4</sup> Gênero é entendido como uma construção sociocultural resultante das relações de poder, é na convivência familiar, social e escolar que indivíduos se identificam como tal, e suas representações são (re)construídas (SCOTT, 1990, p. 14).

<sup>5</sup> Este trabalho é um desdobramento dos Projetos de Iniciação Científica “Passividade, transgressão e criatividade: a vida religiosa feminina em Joinville”, realizado em 2008, e “Da clausura às ruas: a presença de mulheres religiosas nos espaços populares de Joinville”, ainda em desenvolvimento, e contou, até o momento, com dez entrevistas orais com mulheres, religiosas e leigas, da cidade de Joinville.

de diferentes congregações que, diferente das enclausuradas, têm alguma forma de atuação social, dedicando-se aos necessitados, com trabalho educativo nos colégios, cuidado dos doentes, crianças e idosos em orfanatos e asilos. Com esta perspectiva e análise de Joinville, verificaram-se diferentes espaços que as beneficiaram na cidade, e a partir das discussões relacionadas, constatou-se que, grande parte da história destas instituições foi constituída pela forte presença destas religiosas que recebem aceitação e procura da comunidade, cuja importância que adquiriram ao longo dos anos está marcada nas lembranças dos que trabalharam sob sua liderança. Analisando as ações sociais de mobilização das mesmas, alcança-se maior presença e reconhecimento no espaço religioso, frente à direção de colégios, hospitais e obras de caridade, que acabam por criar certa autonomia, mas o enquadramento eclesiástico limitou, de certa forma, as possibilidades que esses espaços de sociabilidade feminina, criados pela Igreja, poderiam abrir, em termos de inserção na sociedade e mudança do quadro social.

O século XX foi um período de expansão e estabilidade em todo o país, a Igreja passou por muitas transformações, propiciando uma reorientação de sua ação na comunidade e uma reinterpretação do seu papel social, propondo às religiosas mudanças estruturais no campo da prática, como à reorganização interna das congregações e comunidades, adaptando-se àquele tempo – tais ações foram determinadas pelos interesses da Instituição Católica e por alterações sociais que possibilitaram estas condições. Enquanto predominava-se uma visão religiosa, foi possível às religiosas exercerem tarefas que não estavam tecnicamente habilitadas – professoras, enfermeiras ou assistentes sociais –, passou-se a exigir um preparo profissional e habilitação técnica para o exercício destas profissões; o Estado tornara-se mais presente no campo social, dificultando às religiosas manterem seu trabalho nas diferentes obras a que se dedicavam. A Igreja então passa a incentivá-las e encorajá-las a buscarem profissionalização e formação, ampliando o campo de atuação das mesmas, solicitando que integrassem os trabalhos pastorais e convocando-as para cargos e responsabilidades antes inatingíveis. Essa ampliação provocou uma disseminação de equipes de religiosas por todo o país, formando “pequenas comunidades de trabalho pastoral” em várias cidades (NUNES, 1997, p. 502). Essa descentralização fora um fator importantíssimo para a nova fase que estava por vir: a inserção das religiosas nos “meios populares”. Impôs-se uma nova consciência de que, em uma sociedade injusta e desigual, necessitava-se a opção pelas populações empobrecidas, acentuando-se a inserção de religiosas em movimentos sociais ou organismos civis que se articulavam em função da inclusão social e da superação de violências em diversas formas, participando em pastorais articuladas nas comunidades eclesiais e ligadas a paróquias ou dioceses. Assim, parte da Igreja afirmou que o contexto daquele momento necessitava passar por caminhos de resistência, solidariedade e transformação. É nesse período, de efervescência de movimentos sociais que influenciaram diversos setores da Igreja, que surge a Teologia da Libertação, tema fundamental e indissociável ao se falar sobre as comunidades religiosas entre os pobres. Trata-se de um pensamento teológico, preocupado com uma análise sociológica da realidade, propondo uma reflexão da fé confrontada com a injustiça estrutural realizada contra os pobres (FACCHINI; PEDRINI, 2000, p. 30). A implementação dessa teologia deu-se por intermédio das “CEBs” (Comunidades Eclesiais de Base), desenvolvidas, sobretudo, nas periferias das metrópoles e nas áreas rurais mais isoladas, em meio às camadas mais pobres da população. Em comunidades pequenas e em grupos, promoviam ações sociais a partir de uma releitura da Bíblia, participavam dos movimentos sociais da época, lutavam pela igualdade e pela justiça nas relações sociais, buscando libertar os pobres, religiosa e sócio-economicamente. Nas CEBs, representativas, eficazes e numerosas eram as mulheres religiosas, pois muitas abdicaram do conforto que possuíam em colégios e outros locais e, em nome da libertação dos pobres, passaram a enfrentar “condições de vida precárias e duras”

(NUNES, 1997, p. 504). O processo de inserção foi amadurecendo e se afirmando, alguns aspectos foram mudados e novos foram incorporados: a politização e a crítica, o social e o comunitário, em espaços de pobrezas e exclusões emergentes, surgindo uma nova consciência e valorização da pluralidade na sociedade e na Igreja, a afirmação da consciência histórica das mulheres, o reforço de um clericalismo patriarcal e centralizador, acompanhado pelos movimentos conservadores, o esgotamento da vida religiosa tradicional e o surgimento de novas formas. As situações de cada local e a realidade das congregações motivaram a recriar a experiência da inserção nos meios populares, passando o serviço aos pobres de assistencial para compromissos de transformação da sociedade, considerando a convivência com os pobres e as lutas sociais como elementos primordiais e essenciais, ou seja, os interesses da Igreja como instituição e das congregações “devem estar subordinados ao objetivo maior da “libertação dos pobres”” (NUNES, 1997, p. 506). A Igreja desencadeou um grande processo de revisão e revigoração, mas as necessidades iam além de uma simples renovação espiritual, lançou-se um olhar crítico sobre o contexto do Brasil e sobre sua própria interação da vida religiosa consagrada nestes meios e, entre as constatações que fez, encontrou a vida religiosa passando por significativas mudanças nos âmbitos pessoal, comunitário e institucional, experimentando crise de identidade, desafiada a dar respostas aos novos apelos e a buscar alternativas de solidariedade. Portanto, enfatizou-se uma vida religiosa solidária com os empobrecidos e excluídos, potencializou-se o testemunho da partilha e o anúncio missionário, acolhendo as mudanças necessárias e refletindo a vocação como um espaço de novas relações, especialmente para as sócio-econômicas e culturais, étnicas e de gênero.

Em Joinville, os movimentos populares tiveram uma participação significativa na cidade e desenvolveram um trabalho demasiado importante. Além das CEBs, diversificadas pastorais, o CDDH (Centro de Defesa dos Direitos Humanos) e outras associações também desenvolveram projetos voltados às camadas menos favorecidas da sociedade. Ainda foram criadas também feiras comunitárias, atuações em movimentos populares frente ao desemprego, a luta pela terra e a participação no movimento sindical, Conselhos Comunitários definindo e decidindo as ações nos bairros, cozinhas comunitárias, comitês e missões populares, ambulatórios e outros até então inexistentes. Todos esses processos introduzidos foram transformações pertinentes, ao analisá-los, buscou-se um olhar para estas representações, focalizando as mulheres religiosas como objeto de estudo e seus processos de formação na sociedade.

#### **4 CONCLUSÃO**

Enquanto trabalha-se com as questões de gênero e suas relações culturais e sociais, várias são as reações percebidas na sociedade. Em relação à Joinville, especialmente no campo da História, ao analisar os trabalhos que trazem diferentes histórias sobre a cidade, percebe-se que as produções a respeito da religião na cidade, sua constituição e desenvolvimento exploram pouco as temáticas relacionadas às religiosas e seus trabalhos junto à comunidade joinvilense. É nesse sentido, que se procura fazer com que “uma comunidade seja ouvida, pondo um fim à sua sensação de isolamento e impotência, em conseguir que seu discurso chegue a outras pessoas...” (PORTELLI, 1997, p. 31). As memórias e narrativas de mulheres religiosas revelam vivências e experiências singulares pouco exploradas, estudá-las contribui para analisar e pensar como novas possibilidades de compreender as relações de gênero. Partindo do pressuposto que, ainda se conhece, de fato, pouco da vida das religiosas no Brasil, essa realidade se faz mais presente e forte, quando trabalhada na cidade de Joinville. A forma como vivem, quais são seus objetivos e a maneira como lutam por mudanças sociais, como reivindicam seus direitos enquanto mulheres e de que forma proposições de uma

teologia masculina de organização da Igreja, atingem essas mulheres e seus projetos de vida. São muitas as temáticas ainda a serem exploradas e a discussão sobre a produção cultural e discursiva destas mulheres não são significativas no cotidiano. A presença das religiosas nos espaços populares, juntamente com religiosos e leigos, representa uma mudança no trabalho e vida religiosa feminina na cidade. Ao se problematizar as memórias de religiosas, suas histórias e experiências em Joinville, percebeu-se que as transformações ocorridas na Igreja e na sociedade foram significativas nas suas vivências e é, neste sentido, se pretende dar continuidade à presente pesquisa, objetivando, especialmente, contribuir com a historiografia local, notadamente nas questões relacionadas à perspectiva de gênero na religião.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FACCHINI, Luiz; PEDRINI, Dalila. **CEBs: 25 anos de caminhada na Paróquia Cristo Ressuscitado – Joinville**. Joinville: Movimento e Arte, 2000.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.) **Histórias de (I)Migrantes: o cotidiano de uma cidade**. 2ª ed. Joinville: Univille, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 482-509.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25–39, fev. 1997.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5–22, jul./dez. 1990.